

AS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS NAS AÇÕES SOCIOCULTURAIS DE EMPRESAS NA ZONA PORTUÁRIA DE PELOTAS

Leonardo de Jesus Furtado

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, especialista em Artes Visuais pelo SENAC EAD/RS (2012), possui graduação em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas (2003). É membro fundador do Grupo C.D.M. – Centro de Desintoxicação Midiática. Tem experiência na área de Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: desenho, instalação, coletivos, intervenção urbana e ativismo.

Resumo: O artigo realiza um estudo de caso do muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas que se transformou em um espaço de arte a céu aberto. As intervenções artísticas estão vinculadas a um projeto de arte pública que levanta questionamentos e críticas sobre a associação da arte com objetivos comerciais de grandes empresas.

Palavras-chave: Pelotas, Porto, Arte Pública, Arte Urbana, Muro.

ARTISTIC INTERVENTIONS IN SOCIOCULTURAL ACTIONS OF COMPANIES IN THE PORT ZONE OF PELOTAS

Abstract: The article carries out a case study of the wall of the Log Terminal of the Port of Pelotas that has become an open space art space. The artistic interventions are linked to a public art project that raises questions and criticisms about the association of art with commercial objectives of large companies.

Keywords: Pelotas, Port, Public Art, Urban Art, Wall.



Percorrer as ruas da cidade de Pelotas é se deixar surpreender com as manifestações artísticas que podem ser encontradas em determinados locais, mas a proposta desse artigo é ir além das sensações percebidas nos trajetos cotidianos e propor um pensamento crítico das relações dessas práticas artísticas com o urbanismo e a arquitetura da cidade. Como objeto de estudo será usado o muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas, que é vinculado às ações socioculturais das empresas Sagres e Celulose Riograndense.

O artigo tem como principal questão saber como se desenrolam as relações da arte com a produção do espaço urbano na cidade de Pelotas. Além disso, tem como objetivos específicos caracterizar e definir o que se chama de arte pública e de arte urbana e analisar o trabalho dos artistas que intervieram no muro da zona portuária. Procurou-se embasar teoricamente este texto com referências relacionadas com o assunto abordado, sendo realizada uma pesquisa documental e, do mesmo modo, procurou-se saber a opinião de alguns atores envolvidos sobre as intervenções artísticas.

Primeiramente, comenta-se sobre a área da cidade onde o estudo de caso desse artigo aconteceu, o Bairro Porto. Posteriormente, será discutido, com opiniões relevantes, sobre a diferença entre o que é caracterizado como arte pública e o que é caracterizado como arte urbana, e evidenciar os principais tipos de arte urbana que se encontram na cidade de Pelotas. E, por fim, serão feitas as considerações sobre as intervenções artísticas realizadas no muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas.

O CONTEXTO: A ZONA PORTUÁRIA DE PELOTAS

Antes de se entrar no tema principal do artigo, fala-se um pouco sobre a cidade de Pelotas e a zona portuária da cidade, para se entender o contexto em que estão inseridas as intervenções artísticas no muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas. Pelotas é a terceira cidade mais populosa do estado do Rio Grande do Sul, localiza-se às margens do Canal São Gonçalo. Ela se destacou historicamente por causa da produção de charque¹ que era vendido para todo o Brasil e que enriqueceu a cidade no passado.

Atualmente, a cidade possui várias instituições públicas e particulares de ensino superior e técnico, teatros, biblioteca pública, dezenas de museus, jornais impressos, emissoras de televisão, um aeroporto e também um porto fluviolacustre localizado às margens do Canal São Gonçalo. Economicamente a



cidade é voltada para o agronegócio sobressaindo a produção de pêssego e de arroz, e também para o comércio que atrai compradores da região sul do estado para as lojas localizadas no centro da cidade ou para um recente *shopping center*. Culturalmente a cidade se destaca em âmbito nacional por realizar a Fenadoce – Feira Nacional do Doce e pelo carnaval, eventos que acontecem anualmente.

Sobre o Bairro Porto, pode-se dizer que ele está localizado na região do Centro (Fig. 1), conforme o mapa urbano encontrado na página *web* da prefeitura da cidade de Pelotas e que divide a área urbana em sete regiões administrativas (Zona Urbana, 2006). É também onde acontecem as ações socioculturais do Otroporto (antigo Porto das Artes²).

Segundo Poetsch (2002), a atividade portuária teve seu início por causa do charque e de outros produtos manufaturados, tendo seu início datado aproximadamente em 1815, ano de implantação do Primeiro Loteamento da cidade. Depois, paulatinamente, várias indústrias se instalaram onde hoje é o Bairro Porto. Devido ao declínio da manufatura do charque, ocorreu uma transformação na economia pelotense, com o surgimento de fábricas que configuraram grande parte do ambiente da zona portuária. A partir de meados da década de 1980, o Porto de Pelotas entra em decadência. Poetsch (2002) acredita que por diversos motivos manifestados desde a década de 1940, entre eles: a prioridade ao transporte rodoviário; o esgotamento das indústrias pelotenses; a elevação do preço do transporte marítimo; e a concorrência com o porto marítimo do Rio Grande.

Atualmente, o bairro ganha mais vida por causa da iniciativa de algumas empresas de se instalarem na zona portuária, mas também por causa da concentração no bairro de vários edifícios de unidades acadêmicas onde estudam os alunos da Universidade Federal de Pelotas. Nesse ínterim, também tem influência a retomada das atividades portuárias que estão movimentando cargas e em plena atividade devido a emergente indústria de papel e celulose.

ARTE PÚBLICA E ARTE URBANA

Entende-se que a denominada arte urbana esteja inserida no espectro da arte pública, mas divergindo dela por ter como características principais a efemeridade e ser realizada sem permissão, ou seja, ela é em seu âmago transgressora, ao contrário da endossada arte pública.



Pois segundo Waclawek (2011), a arte pública e a arte urbana não são inteiramente diferentes. Para a autora, a arte pública refere-se a uma vasta variedade de formas de arte e práticas, como, por exemplo, murais, estatuária cívica, arte efêmera (dança, performance, teatro), intervenções subversivas, e, para alguns, *graffiti* e *street art*. Waclawek afirma que os projetos de arte pública são com frequência encomendados para enriquecer um ambiente com o intuito de melhorar o contexto sociocultural. Mas também admite que tanto a arte pública quanto a arte urbana exploram bastante o espaço público, mas a natureza da interação é diferente.

A arte pública, de acordo com Pasternak (2010), além de ser patrocinada pelos meios oficiais, é cheia de regras de segurança, é anti-*graffiti* e apropriada para toda a família, tornando como consequência esse tipo de trabalho encomendado insípido. Pasternak também questiona as oportunidades oficiais de se criar arte pública quando os artistas são sobrecarregados com limitações ao seu processo criativo.

A partir destas manifestações, pode-se dizer que a arte pública pode ser financiada pelo estado, por uma instituição ou até mesmo encomendada pelo setor privado. Esse tipo de arte é apropriada a qualquer tipo de público e por causa disso os artistas podem ter o seu trabalho criativo limitado, pode ser encontrada em espaços públicos ao ar livre ou cobertos, e tem uma permanência duradoura.

Já a arte urbana se manifesta exclusivamente na rua. Os artistas urbanos têm a liberdade de expor as suas próprias ideias e estilo pessoal, alguns de forma anônima e sem pedir permissão, provocando mistério e controvérsia. De acordo com Waclawek (2011), os artistas urbanos utilizam variadas técnicas para se destacarem na paisagem da cidade, como a popular latinha de *spray*, a tinta acrílica ou a óleo, o giz pastel oleoso, o carvão, os *stickers*, o pôster artístico, o estêncil, o mosaico de ladrilhos e inclusive as tecnologias de código aberto envolvendo luzes e projetores.

Lassala (2010) lembra que a arte urbana também pode ser mais diferente e ocupar as ruas para expressar o ponto de vista de uma pessoa ou até mesmo de um grupo. Ele afirma que esse tipo de intervenção urbana não usa necessariamente palavras e desenhos e pode se valer de outros artifícios, como, por exemplo, produzir placas falsas e encapuzar estátuas com o intuito de se diversificar as formas de comunicação urbana.



Desse modo, é possível afirmar que a arte urbana é uma prática artística que tem como características principais estabelecer um contraponto à arte institucional e a sua formalidade, mas também questionar os espaços de arte, como os museus e galerias, simplesmente usando a rua como suporte artístico e oferecendo o seu trabalho de forma gratuita. Os artistas urbanos também podem agir de forma anônima na via pública, sem pedir permissão para nenhuma autoridade, ou seja, são transgressores. Como consequência de tal liberdade, os temas abrangidos pelos artistas urbanos são mais diversificados e polêmicos, e as suas intervenções artísticas têm uma duração mais efêmera do que a da arte pública.

Identifica-se na cidade de Pelotas alguns tipos de manifestações artísticas no espaço público. Em várias praças da cidade, por exemplo, depara-se com monumentos e estátuas que exaltam personagens históricos, entre outros. Este tipo de arte caracteriza-se como arte pública porque, como já foi dito, é uma arte feita sob encomenda, financiada por instituições públicas ou privadas e são permanentes, sem um prazo definido de quando serão retiradas dos locais em que se encontram.

Também consegue-se achar caminhando aleatoriamente pelas ruas da cidade de Pelotas o popular *graffiti* com sua variedade de estilos em vários edifícios e muros, adesivos ou *stickers* colados no verso de placas de sinalização e em outros mobiliários urbanos, pôsteres artísticos ou lambe-lambes afixados em postes de iluminação pública ou tapumes de obras, estênceis aplicados em locais inusitados ou até mesmo esporadicamente intervenções artísticas urbanas. Deduz-se que a maioria destas manifestações artísticas são feitas de maneira independente e com recursos próprios dos artistas, são feitas também sem permissão, com os artistas expressando as suas próprias ideias e estilo pessoal, mas são temporárias ou efêmeras. Assim sendo, pode-se caracterizá-las como arte urbana.

AS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS NO MURO DO TERMINAL DE TORAS DO PORTO DE PELOTAS

Segue-se com as observações sobre as intervenções artísticas no muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas. Na reportagem de Mazza (2017) se teve um dos primeiros contatos com as ações socioculturais do Otoporto, especificamente o projeto denominado de Arte no Muro – Espaço de Arte Urbana. Na matéria, descobre-se que o referido projeto está atrelado às ações de infraestrutura das empresas Sagres e Celulose Riograndense que inclui também



a construção de passeios e a recuperação das fachadas do antigo Armazém São Francisco (Fig. 2) e do edifício administrativo no Terminal de Toras do Porto de Pelotas.

Antes de se dar prosseguimento, informa-se de que forma trabalham as empresas que estão conduzindo as ações de infraestrutura na zona portuária de Pelotas. A Sagres Agenciamentos Marítimos Ltda. é uma empresa prestadora de serviços de logística que atua no ramo de navegação em várias frentes, como, por exemplo, a de operações portuárias, tendo o funcionamento da sua matriz localizada no Porto do Rio Grande e uma das quatro filiais operando no Porto de Pelotas (Sagres Agenciamentos Marítimos Ltda, 2019). A Celulose Riograndense é parte do grupo chileno CMPC, sendo uma empresa que atua no mercado internacional de celulose de fibra curta de eucalipto, possuindo uma fábrica na cidade de Guaíba (Celulose Riograndense, 2017).

Em reportagem do jornal *Diário popular* do dia 26 de agosto de 2017, é divulgado que após 35 milhões em investimentos na infraestrutura e em equipamentos para poder ser implantado o Terminal de Toras no Porto de Pelotas, 32 barcaças com madeira são enviadas por mês em direção à fábrica da Celulose Riograndense. Além disso, de acordo com a matéria do jornal *Diário popular*, o Porto de Pelotas, em conjunto com o Porto do Rio Grande, assegura a região como uma referência em logística hidroviária no estado do Rio Grande do Sul e garante empregos e contrapartidas sociais (Pela Água, 2017).

Identifica-se as ações de infraestrutura das empresas Sagres e Celulose Riograndense como uma dessas contrapartidas sociais, como a revitalização da orla do Porto de Pelotas, a recuperação das fachadas do antigo Armazém São Francisco e as ações socioculturais do Otroporto. Mas em reportagem de Sanguiné (2017), descobre-se que a prefeitura de Pelotas é que solicitou a construção de um muro acústico com 288 metros de extensão para diminuir o barulho causado pelas atividades portuárias das empresas Sagres e Celulose Riograndense que funcionam durante às 24 horas por dia.

Na mesma reportagem, Sanguiné (2017) relata que para evitar que as empresas fossem caracterizadas como antipáticas e segregacionistas perante a sociedade pelotense, artistas foram convidados a intervir no muro (Fig. 3). Ademais, em determinados pontos o muro foi vazado com a construção de janelas de vidro e o objetivo de fazer com que o morador da zona portuária de Pelotas possa manter contato visual com o canal São Gonçalo e ter ideia do tipo



de trabalho realizado pelas empresas.

Constata-se na matéria de Mazza (2017) que as intervenções artísticas do projeto Arte no Muro ocorreram na parte do muro que fica pela rua Conde de Porto Alegre, cuja extensão é de 162 metros. Sob a coordenação de uma agência de publicidade, os artistas Bero Moraes, Guilherme (Ges), Fernando Muswieck (Gordo 17), Madu Lopes, Nina Moraes e Estúdio Choer, transformaram o muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas em um espaço de arte a céu aberto.

O trabalho dos artistas apresentou uma temática sobre águas e pessoas e uma pequena variação de técnicas à mão livre que foi da pintura ao *graffiti*, com a ajuda de projetores. O primeiro trabalho observado ao longo do muro é a pintura do Estúdio Choer que fica contígua a entrada do Terminal de Toras. O estúdio é localizado na cidade de Pelotas e é composto por irmãos formados em arquitetura. Este primeiro painel ocupa dois vãos do muro e tem as dimensões de 20 metros de largura por 3 metros e 60 centímetros de altura (Estúdio Choer, 2017). Intitulado *Águas do Porto*, o painel representa cinco seres mitológicos tatuados nas cores vermelho e branco e que parecem estar mergulhados nas profundezas do mar por causa do fundo em azul-claro da pintura e por um dos seres usar um escafandro.

O segundo painel, que fica ao lado do painel do Estúdio Choer, é um *graffiti* do pelotense Guilherme (Ges) e também ocupa dois vãos do muro do Terminal de Toras. Esse painel representa de forma mais detalhada, usando o recurso de sombra e luz, ruínas de uma cidade cercada por peixes e que está no fundo do mar, num primeiro plano aparenta ser regida pelo deus grego Poseidon. Na sequência, pode-se observar o terceiro painel que ocupa apenas um vão do muro e é assinado pela artista visual Nina Moraes, que é pelotense e radicada na cidade do Rio de Janeiro. Usando latas de spray e pincéis ela representou, em seu painel, chamado de Chuva de estrelas, três mulheres usando roupas de banho listradas em uma noite na praia com o céu estrelado.

Antes de se chegar ao quarto painel é necessário passar por um portão de metal e pela fachada recuperada do antigo Armazém São Francisco, para então deparar-se com a arte que ocupa três vãos do muro do Terminal de Toras. O referido trabalho foi realizado pelo grafiteiro pelotense Fernando Muswieck (Gordo 17) e pelo artista visual de Dom Pedrito, mas morador de Pelotas, Madu Lopes. Esta obra colaborativa, nomeada de *Os marinheiros encantados*, representa de forma muito colorida uma divindade africana dos mares cercada por marinheiros pintados majoritariamente em preto e branco e um barquinho de papel. Entre este



painel e o último se encontra a fachada restaurada do edifício administrativo, que foi vazada com a construção de janelas de vidro para o passante poder observar o canal São Gonçalo e as atividades que acontecem no Porto de Pelotas.

O quinto e último painel do projeto Arte no Muro originalmente era um outro trabalho colaborativo dos grafiteiros Gordo17 e Bero Moraes. A arte do pelotense Bero Moraes ocupava a maioria do painel que abrange um pouco mais de dois vãos do muro, ela representava em destaque uma caravela com a bandeira de Portugal navegando em um mar contendo vários objetos, seres e animais marinhos submersos. O grafiteiro afirmava que a bandeira de Portugal era uma referência a empresa Sagres, que é de origem portuguesa. O grafite de Gordo 17 ocupava uma pequena parte do painel e representava um marinheiro sentado em um barril de madeira flutuando no mar.

Consegue-se obter algumas repercussões que as intervenções artísticas no extenso muro do terminal de toras do porto de Pelotas propiciaram. Em reportagem do jornal *Diário da manhã* do dia 23 de fevereiro de 2017 foi publicado que a chamada galeria a céu aberto amanheceu com um dos painéis pichado com tinta preta. Na foto da matéria, percebe-se que a pichação danificou o painel do grafiteiro Bero Moraes, especificamente o *graffiti* da caravela com a bandeira de Portugal (Fig. 4). Na matéria, um funcionário da empresa Sagres informa que eles tentariam a remoção da tinta porque os painéis receberam uma camada de verniz para proteção, mas quase sete meses depois da pichação quem caminhava próximo ao painel danificado ainda podia perceber uma grande mancha de tinta sobre o grafite de Bero Moraes e a frase “NÃO FOI CABRAL” que também foi pichada e omitida na reportagem do jornal. Na mesma matéria, a arquiteta responsável pela restauração do muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas afirma que a zona portuária recebeu novos ares devido ao projeto Arte no Muro (Vandalismo, 2017).

Analisando-se a pichação em si, percebe-se que a tinta preta foi borrifada da parte de baixo até a parte de cima do muro, e a frase que foi escrita ficou menos perceptível para quem transitava na rua por causa dos objetos pintados pelo grafiteiro que compõe a arte do painel. Como aponta Lassala (2010), a pichação subverte os suportes que não são autorizados ou cedidos, para chamar a atenção para uma ideia. Ela é realizada de forma rápida e anárquica, com o pichador atuando com ferramentas diversas para se manifestar e com o uso de poucas cores.

No primeiro semestre de 2018, o grafiteiro Bero começou a renovar



sozinho o painel pichado com um novo *graffiti* chamado de *Vitória-régia*. O artista, buscando manter a temática sobre águas e pessoas, inspirou-se em uma lenda indígena que conta a história da planta aquática que é símbolo da Amazônia. Bero pretendia pintar no novo painel os elementos que compõem a lenda, como um pântano com uma abundância de vitórias-régias, a lua em destaque e uma pequena silhueta de uma índia ao fundo (Arte, 2018).

Em vídeo sobre o projeto Arte no Muro publicado em página do *Facebook* da empresa Sagres é capaz de se conhecer os artistas que participaram da iniciativa e entender melhor o processo de realização dos painéis. O vídeo teve 135 reações, sendo apenas duas negativas e foi compartilhado mais de 200 vezes. Um dos compartilhamentos foi do artista visual Rogério Marques, que também foi um dos que reagiu negativamente ao vídeo e teceu o seguinte comentário ao projeto Arte no Muro no dia 27 de março de 2017:

[...] parabéns aos envolvidos. projeto financiado pela indústria da celulose em Pelotas. Arte em favor (a serviço) do desenvolvimento agroindustrial/econômico /// desertificação do bioma pampa e gentrificação urbana/// ...quando a arte colabora com processos de descaracterização/revitalização urbana parece que sua potência quanto arte é esvaziada ao transferi-la a interesses econômicos/espaciais especulativos da cidade. arte domesticada (Marques, 2017).

Um comportamento que se nota, transitando ao longo do muro do Terminal de Toras, é que é comum que moradores da região ou pessoas que estão em automóveis parem em frente aos painéis pintados e saquem os seus celulares ou máquinas fotográficas dos bolsos e tirem fotos compondo cenas com as pinturas realizadas pelos vários artistas do projeto ao fundo.

ARTE COMO ATRAÇÃO CULTURAL DE GRANDES EMPRESAS

Apesar do nome do projeto ser Arte no Muro – Espaço de Arte Urbana, e trabalhar com a estética e alguns artistas de arte urbana, ele pode ser caracterizado, essencialmente, como um projeto de arte pública com financiamento privado, pois é uma iniciativa em que empresas encomendaram e patrocinaram as intervenções. O raciocínio é reforçado pelo fato do projeto não possuir o caráter transgressor, demonstrar ser permanente e ter uma temática que agradava os interesses dos patrocinadores e que foi explorada por todos os artistas.

É possível afirmar que o muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas, com os seus *graffiti*, está inserido no espaço público, pois qualquer pessoa que transita pela rua onde ele se encontra pode ter acesso. Entretanto,



contraditoriamente, só com a permissão das empresas que operam no Terminal de Toras, é que algum outro artista poderá fazer a sua interferência sem transgredir a lei³. Portanto, o próprio muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas pode ser considerado uma intervenção no espaço público ou um espaço especial, um obstáculo geográfico, onde se pode andar ao longo dele, mas não se pode atravessá-lo nem acessá-lo, por ser de propriedade privada, levando-se em conta as reflexões sobre a questão das fronteiras e do espaço público de Jacobs (2011).

Ainda se constata que as intervenções artísticas foram fundamentais para que a comunidade não demonstrasse objeções em relação à construção de um muro de 288 metros de extensão na zona portuária, o que poderia prejudicar a imagem das empresas envolvidas. A escala do muro mudou consideravelmente. Antes da construção do Terminal de Toras do Porto de Pelotas, nota-se em registro fotográfico, que o muro que existia no Antigo Armazém São Francisco deveria ter aproximadamente 1 metro e 80 centímetros de altura. O muro atual varia a sua altura em toda a sua extensão, mas tem, no mínimo, 3 metros e 60 centímetros, o dobro da medida citada acima.

Mesmo com todo esse cuidado de se regular o conteúdo abordado, as empresas responsáveis não conseguiram evitar o conflito ou opiniões contrárias ao projeto Arte no Muro. Por estabelecer uma temática despretensiosa e ter um determinado painel que foi interpretado como uma afirmação da narrativa oficial do descobrimento do Brasil, os organizadores da exposição a céu aberto tiveram que lidar com pichações críticas a esta perspectiva. Mas era algo esperado, já que os painéis receberam uma camada de verniz para proteção e também em razão de que:

[...] a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na Cidade (Lefebvre 2001, p.22).

Além disso, nas redes sociais, onde o vídeo sobre o projeto Arte no Muro foi publicado na página da empresa Sagres, e teve reações e comentários predominantemente favoráveis, encontra-se posição contrária à iniciativa. O posicionamento de Marques (2017), conflitante ao projeto, acredita que o que se presencia ao observar o muro é, na verdade, uma arte domesticada e que perde toda a sua força ao se aliar a interesses econômicos que estão prejudicando a natureza da região e transformando áreas urbanas desvalorizadas em áreas



urbanas subitamente valorizadas.

Colabora com este posicionamento o que fala Arantes (2005) sobre a convergência da cultura com os negócios. Para a pesquisadora, é uma situação contraditória porque acontece um desarmamento da instância crítica das artes para que elas sejam usadas como atrações culturais de grandes empresas, que sem a incorporação dos valores culturais podem ter as suas transações comerciais inviabilizadas, chegando até a comprometer o próprio futuro dos negócios (Arantes, 2005).

Traz-se para essa discussão a teoria da reificação, onde as formas de trabalho humano, nesse caso as obras de arte que não tem um fim prático, são orientadas pelo sistema capitalista para cumprir um objetivo, são instrumentalizadas, mercantilizadas, tendo valor só quando podem ser “usadas” e são reduzidas à um mero meio (Jameson, 1994). Questiona-se, então, com o auxílio de Jameson (1994), se nesse caso as intervenções artísticas não estariam sendo usadas pelas empresas envolvidas como uma simples manipulação e distração para se criar uma ilusória harmonia social?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo comentou-se sobre o contexto das ações socioculturais do Ottoporto (antigo Porto das Artes), a zona portuária da cidade, destacando o Bairro Porto que fica na região do Centro e que era mais ativo no passado. O bairro passou por um período de decadência e atualmente está, de forma vagarosa, a ganhar mais vida por causa dos edifícios das unidades acadêmicas que abrigam cursos da Universidade Federal de Pelotas e também por causa da indústria de celulose representada pelas atividades das empresas Sagres e Celulose Riograndense.

Procurou-se entender como se pode definir as manifestações artísticas encontradas nas ruas de uma cidade, se são de arte pública ou de arte urbana, com a discussão de algumas ideias. Identificou-se que os dois tipos de arte podem ser encontradas na cidade de Pelotas, concluindo que a arte pública é aquela que é feita sob encomenda, é financiada e tende a ser permanente; e a arte urbana é aquela que é feita de forma independente e com recursos próprios, não tem permissão, e tende a ser temporária ou efêmera.

Analisou-se a produção artística no muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas e percebeu-se que o trabalho dos artistas apresentou uma temática que



predominou em todos os painéis, sendo as artes criadas com diversas técnicas, como a pintura e o *graffiti*, contando ainda com o auxílio de projetores. O muro acabou sendo um atrativo para algumas pessoas que circulam próximo da zona portuária da cidade, mas uma pichação foi realizada em um dos painéis e comentários contrários a iniciativa Arte no Muro foram identificados em vídeo do projeto compartilhado nas redes sociais pela empresa Sagres.

Com as reflexões produzidas se deduz que o próprio muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas é uma intervenção no espaço público, mas que de forma paradoxal só poderá ser interferido com a permissão das empresas que administram o local. A estética apresentada é de arte urbana, mas entende-se que o projeto é essencialmente de arte pública por ser patrocinado e não ter o caráter transgressor e ser permanente, ou seja, tem-se uma arte pública disfarçada de arte urbana.

Pode-se dizer que as manifestações artísticas no muro do Terminal de Toras do Porto de Pelotas, pelo motivo de terem sido permitidas e financiadas pelas empresas proprietárias do espaço, desenvolveram um conteúdo que em sua grande maioria não deveria provocar e gerar grandes reflexões para a quem as observava, mas gerou interações com o muro pintado e até mesmo pichações críticas foram realizadas no local. Comentários contrários à iniciativa em redes sociais remetem a possibilidade da ressignificação e valorização do lugar acontecer devido à aliança entre uma arte considerada domesticada, por ter a sua instância crítica esvaziada, e interesses econômicos que podem ter o seu futuro comprometido sem esta integração.



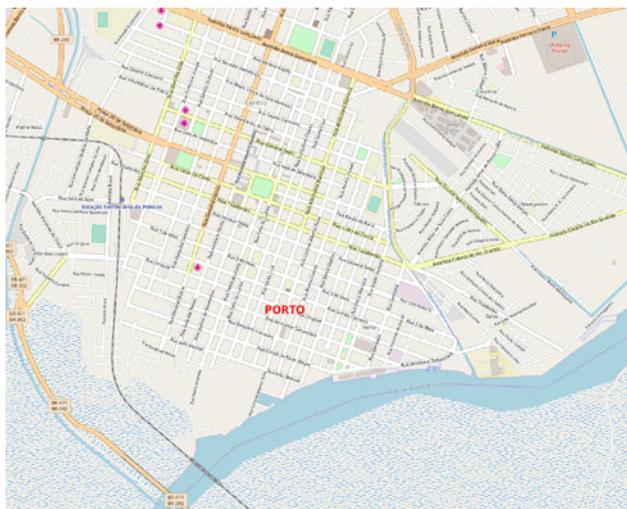


Figura 1 – Localização do bairro Porto na região administrativa do Centro de Pelotas.
Fonte: Adaptação do autor em imagem de OpenStreetMap, 2017.



Figura 2 – Antigo Armazém São Francisco (junho de 2011) antes da construção do terminal de toras. Fonte: Google, 2018.





Figura 3 – Nina Moraes, Guilherme (Ges) e Estúdio Choer, s.d. pintura mural, 50 m x 3,60 m. Fonte: O autor, 2017.



Figura 4 – Pichação em painel do grafiteiro Bero Moraes. Fonte: O autor, 2017.



NOTAS

¹ É uma carne que não precisa de refrigeração por ser desidratada pela forte salga e ficar exposta ao sol por vários dias.

² No dia 4 de março de 2018, durante o evento cultural Sofá na Rua, o projeto Porto das Artes foi rebatizado e passou a se chamar Otroporto (Mazza, 2018).

³ A lei de nº 5.832, de 05 de setembro de 2011, que institui o código de posturas do município de Pelotas, diz no artigo 18, item II, que é proibido, nas vias públicas urbanas, sob pena de multa: pichar, escrever e danificar de qualquer modo as fachadas das edificações, muros, cercas, tapumes e quaisquer equipamentos urbanos nas vias públicas (Pelotas, 2012).

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. A "virada cultural" do sistema das artes. In: *Margem Esquerda*, São Paulo, n. 6, p. 62-75, 2005.

ARTE de Bero Moraes é renovada no muro do TTP. *Satolep Press*, Pelotas, 02 jul. 2018. Disponível em: <https://satoleppress.wordpress.com/2018/07/02/arte-de-bero-moraes-e-renovada-no-muro-do-ttp/>. Acesso em 18 fev. 2019.

CELULOSE RIOGRANDENSE. (Brasil). *Empresa*. Disponível em <http://www.celuloseriograndense.com.br/empresa>. Acesso em: 08 set. 2017.

ESTÚDIO CHOER (Brasil). *Painel finalizado*. Pelotas, 10 jan. 2017. Facebook: choer51B. Disponível em <https://www.facebook.com/choer51B/photos/a.507489175940064/1312747322080908/?type=1&theater>. Acesso em: 09 set. 2017.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JAMESON, Fredric. *Reificação e utopia na cultura de massa*. In: *Crítica Marxista*, Campinas, v.1, n. 1, p. 1-25, 1994.

LASSALA, Gustavo. *Pichação não é pixação: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas*. São Paulo: Altamira Editorial, 2010.



LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MARQUES, Rogério N. *Parabéns aos envolvidos*. 27 mar. 2017. Facebook: rogerio.marques.96930. Disponível em: <http://www.facebook.com/rogerio.marques.96930/posts/1580264622001501>. Acesso em: 01º abr. 2017.

MAZZA, Gabriela. Revitalização da orla portuária recupera as fachadas do Armazém São Francisco. *Satolep Press*, Pelotas, 16 fev. 2017a. Disponível em: <http://satolep.press.wordpress.com/2017/02/16/revitalizacao-da-orla-portuaria-recupera-as-fachadas-do-armazem-sao-francisco/>. Acesso em: 17 fev. 2017.

_____. Sofá na Rua abre o ano cultural com muitas atrações e show de Luiz Vagner. *Satolep Press*, Pelotas, 2 mar. 2018. Disponível em: <http://satoleppress.wordpress.com/2018/03/02/sofa-na-rua-abre-o-ano-cultural-com-muitas-atracoes-e-show-de-luiz-vagner/>. Acesso em: 8 abr. 2018.

PASTERNAK, Anne. Just do it. In: MCCORMICK, Carlo; SENO, Ethel (Ed.); SCHILLER, Marc e Sara. *Trespass: história da arte urbana não encomendada*. Colônia: Taschen, 2010.

PELA ÁGUA: portos modernos e movimentados. *Diário Popular*, Pelotas, 26 ago. 2017. Especial de Aniversário, p. 9.

PELOTAS. *Lei nº 5.832, de 05 de setembro de 2011*. Institui o Código de Posturas do Município de Pelotas. Pelotas: Câmara Municipal [2011]. Disponível em http://server.pelotas.com.br/interesse_legislacao/leis/2011/LEI_5832.pdf. Acesso em: 18 de mai. 2012.

POETSCH, Martha C. *Zona do porto de Pelotas e sua identidade*. 2002. 166 f. Tese (Doutorado em Integração Regional) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2002.

SAGRES AGENCIAMENTOS MARÍTIMOS LTDA. (Brasil). A Sagres Agenciamentos Marítimos. Disponível em: <http://www.sagresrg.com.br/index.php>. Acesso em: 15 fev. 2019.

SANGUINÉ, Leon. Manter e transformar. *Diário Popular*, Pelotas, 16 fev. 2017. Cultura_DP, p. 12-13.

VANDALISMO atinge obras do projeto Arte no Muro e parte das fachadas do



Armazém São Francisco. *Diário da Manhã*, Pelotas, 23 fev. 2017. Disponível em: <http://diarioda manhapelotas.com.br/site/vandalismo-atinge-obras-do-projeto-arte-no-muro-e-parte-das-fachadas-do-armazem-sao-francisco/>. Acesso em: 23 fev. 2017.

WACLAWEK, Anna. *Graffiti and street art*. London: Tames & Hudson, 2011.

ZONA URBANA: mapa de ruas. Pelotas: Prefeitura Municipal de Pelotas, 2006. 1 mapa color., 125cm x 85cm. Escala 1:25.000. Disponível em http://www.pelotas.com.br/storage/gestao-da-cidade/mapa_urbano.pdf. Acesso em: 9 out. 2018.

